

Funaro prevê um novo

Indústria aumenta seus investimentos e

Econ - Brasil -

CORREIO BRAZILIENSE Brasília, quarta-feira, 7 de maio de 1986

surto de desenvolvimento

inflação de abril, segundo ele, não passa de 0,4%

O ministro da Fazenda, Dillon Funaro, previu, ontem, eufórico, que os resultados "fantásticos" obtidos após dois meses de implantação das reformas econômicas levarão o Brasil a ter um surto de desenvolvimento econômico nos próximos anos. Destacou que está muito surpreso com as informações transmitidas pelos empresários relativas aos volumes de investimentos em diversos setores industriais.

Os resultados iniciais levantados pelo Governo em colaboração com a Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (FIESP), segundo informou o economista João Manoel Cardoso de Mello, assessor especial do Ministério da Fazenda, demonstram que os investimentos estão crescendo fortemente. O assessor econômico Luis Gonzaga Belluzzo ressaltou que no momento está coordenando o trabalho de levantamento dos investimentos e os resultados parciais indicam um grande crescimento.

Funaro revelou-se tranquilo em relação ao crescimento da economia e ressaltou que não está vendo nenhum problema maior face ao aumento de demanda em relação à oferta de produtos. O consumo de alimentos cresceu 11 por cento nos últimos dois meses ("isso é muito bom"); o consumo da carne aumentou 20 por cento ("isso é fantástico"). O consumo atual da população não é supérfluo, destacou o ministro: "O que ocorre é que o povo estava se alimentando muito mal", disse.

SEM INFLAÇÃO

Refutando todas as críticas dos opositores do Plano Cruzado, o ministro da Fazenda destacou que precisa ser melhor compreendido neste momento que o Brasil está levando adiante, com sucesso, um programa econômico positivo, apesar de contrariar os prognósticos dos que achavam impossível o combate à inflação com promoção simultânea do crescimento.

O Governo estabilizou a moeda, ganhou o respeito da comunidade internacional e, paralelamente, está promovendo intensa distribuição da renda interna, fato que explica, disse Funaro, o crescimento do consumo pela população. O Governo promoveu uma reforma tributária que resultou em cobrança menor do Imposto de Renda na fonte dos assalariados e implementou as reformas econômicas concedendo simultanea-

mente aumento real de 8 por cento dos salários em geral e de 15 por cento para o salário mínimo.

Funaro refutou energicamente as acusações de que o plano de estabilização promoveu arrocho salarial. Não houve congelamento dos salários, os trabalhadores poderão negociar novos reajustes e a prova concreta da inexistência do arrocho, destacou, são de que o crescimento do consumo no país se assemelha aos índices registrados nos países desenvolvidos, ao mesmo tempo que se realiza indiscutível distribuição da renda nacional. "Ninguém acreditava que isso pudesse ser feito e, no entanto, o que vemos são financeiras que até há pouco estavam no vermelho saindo, agora, para o preto, financiando o consumo em quatro prestações. Estamos fazendo o desenvolvimento sem incentivar exportações, sem estimular a política cambial, características das políticas de ajustamentos anteriores que trouxeram a recessão".

INFLAÇÃO

Funaro já dispõe de dois números parciais sobre a inflação de abril. A Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas (Fipe) da Universidade de São Paulo apurou um índice de 0,40 por cento, aproximadamente, nas duas primeiras semanas de abril, e o apurado pela Fundação Getúlio Vargas que registrou inflação negativa, tendo por base coleta dos preços por atacado.

Quanto à sugestão do presidente do IBGE, Edmar Bacha, de expugnar do índice de preços de abril a evolução dos preços das roupas de inverno, item que ressistou, segundo as pesquisas, maior alta durante o mês, Funaro disse ser favorável a manutenção dos atuais conceitos de apuração das instituições de pesquisas. "Não se deve", na sua opinião, "alterá-los no meio do caminho, porque poderia desacreditá-los junto à população".

Sobre a possibilidade da economia conviver com inflação negativa nos próximos meses, Funaro lembrou que não o preocupa muito o fenômeno, porque o mesmo pode ser fruto de crescimento da produção combinada com redução dos preços, isto é, deflação com crescimento econômico. O preocuparia bastante, destacou o ministro, se estivesse ocorrendo o contrário, ou seja, deflação com recessão.